

As marcas da colonização na Nigéria no século XX

Nathalia Almeida Marcelo

Universidade Federal do Tocantins - UFT
Pós Graduada em Gênero e Diversidade na Escola

RESUMO

As obras de Chimamanda e Chinua Achebe foram escolhidas para o estudo com o propósito de apresentar a real retratação dos acontecimentos que marcaram profundamente a Nigéria no século XX retratando as mudanças drásticas que o processo de colonização deixou na cultura e principalmente no povo nigeriano. O estudo se caracterizou de cunho bibliográfico, cronológico e comparativo. Na concretização pós-colonialista as teorias apresentadas no decorrer do estudo reforçam e explicam as mudanças permanentes que processo de colonização deixou na Nigéria. Vale salientar que o processo de colonização gerou também um processo de descolonização desde a migração de africanos para os Estados Unidos e outros países da Europa como a própria luta de resgatar sua história e reconstruí-la, da qual Chimamanda vivenciou e idealiza a construção de uma história única, descrevendo que para se perpetuar essa ideia, costumes e a cultura de um povo é necessário que essa história se repita inúmeras vezes representando assim importância para outros povos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Pós-Colonial; Nigéria.

Século XX na Nigéria: do pré ao pós-colonialismo nas obras de Chimamanda e Chinua Achebe

Desde que o mundo se organizou em comunidades, os interesses econômicos dos grupos e das nações que deles se originaram priorizaram as conquistas territoriais e a obtenção de riqueza e poder. Tais embates foram determinantes na construção das identidades individuais e nacionais, culturais e sociais tanto dos povos dominantes como daqueles que foram dominados.

Visando a manutenção do poder, povos econômica e belicamente mais potentes passaram a dominar a economia mundial e colonizar outras regiões do planeta, de lá trazendo mão de obra, minérios e mercadorias diversas.

Em um contexto amplo, atualmente percebe-se a força da influência europeia e americana na economia mundial, enquanto numa perspectiva mais local e particular, notamos de que forma o convívio com os europeus mudou para sempre o modo de vida e os relacionamentos não só entre os diversos povos – seja por conta da imposição cultural, seja pelos movimentos migratórios – como as relações interpessoais e familiares.

No entanto, o processo de colonização não ocorreu de forma homogênea, nem seguindo um mesmo modelo. Em alguns países, como no Brasil, Estados Unidos, Canadá e Austrália, por exemplo, os povos nativos foram quase dizimados e os espaços antes pertencentes a eles foram tomados pelos europeus que ali chegaram. Em outras regiões, optou-se por um controle dos nativos via leis, religião e a imposição da língua e da cultura do colonizador. Grande parte dos países do continente africano é exemplo deste tipo de dominação, dentre eles a Nigéria.

Após vários anos como colônia britânica, a Nigéria ainda sofre as consequências da colonização não só em sua economia – onde os capitais europeus e americanos ainda são uma força indiscutível – mas também em suas identidades, construídas predominantemente sob a influência do choque entre suas culturas tradicionais e a ocidental.

A Nigéria declarou sua independência do colonialismo britânico no ano de 1960, mas em 1967 encarou uma guerra civil brutal, que ficou mundialmente conhecida como a Guerra da Biafra, em que o leste nigeriano, majoritariamente composto pelo povo Igbo, tentou emancipar-se do resto do país como a República da Biafra. A guerra civil causou inúmeras mortes, principalmente por fome, o que chamou atenção da população mundial. Imagens de crianças famintas passaram a circular pela mídia gerando grande comoção e apoio internacional ao povo daquela região que estava sofrendo. Atualmente, a Nigéria é o país com a maior população do continente africano e no ranking mundial se encontra na oitava posição, contando com a maior população negra do planeta. Além disso, tem uma das maiores densidades populacionais do mundo: aproximadamente um em cada quatro africanos é nigeriano. No país existem mais de 250 diferentes grupos etnolinguísticos, divididos entre muçulmanos e cristãos e existe ainda um número significativo de pessoas que seguem religiões tradicionais africanas. São faladas 521 línguas e os três maiores grupos étnicos do país são: os Hauçás, os Igbos e os Iorubás.

Nesse estudo, foi analisado o romance *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie uma narrativa contemporânea, cujo pano de fundo é a Nigéria dos anos 80/90. Fundamentando a análise, utilizou-se as teorias e críticas pós-colonialistas, em especial

às que auxiliam na compreensão das consequências dos processos da colonização e da descolonização na Nigéria, o que permitiu ir a fundo nas marcas, influências e hábitos deixados pelo colonizador no país e em suas culturas, amplamente representados na obra da autora.

Como contraponto ao mundo africano moderno e globalizado representado por *Hibisco Roxo*, tem-se a obra *O Mundo Se Despedaça* de Chinua Achebe, a partir da qual foram analisadas as representações na narrativa de Chimamanda. A escolha da obra de Chimamanda como principal foco dessa pesquisa se deu em função da organização ideológica dos capítulos, a relação de fatos históricos reais e a ligação direta do calendário litúrgico católico com os acontecimentos da obra, aspectos esses fortemente deixados pelo período colonial.

A autora Chimamanda Ngozi Adichie é natural de Enugu, na Nigéria e pertence à etnia Igbo. Nasceu no ano de 1977, seu pai foi o primeiro professor de Estatística e sua mãe a primeira escritora do sexo feminino, ambos na Universidade da Nigéria. Adichie estudou Medicina e Farmácia durante um ano e meio na Universidade onde seus pais trabalhavam e aos 19 anos ganhou uma bolsa de estudos na Universidade de Drexel, nos Estados Unidos, cursou Comunicação e Ciências Políticas, em seguida obteve o título de mestre em Escrita Criativa.

Suas obras foram traduzidas para mais de 30 línguas e dentre elas o português. No Brasil, há três romances traduzidos, *Meio Sol Amarelo* (2008), cujo pano de fundo é a guerra da Biafra; *Hibisco Roxo* (2011), cujo espaço é a Nigéria do pós-guerra; *Americanah* (2014), com a temática da diáspora e da imigração; uma coletânea de contos, *No seu Pescoço* (2009); e duas outras obras no estilo ensaio voltadas para uma educação feminista, *Sejamos todos feministas* (2015) e *Para educar crianças feministas* (2017), assunto recorrente nas palestras e entrevistas da autora. As obras de Adichie tem em comum a importância dos processos de colonização e descolonização na formação identitária de seu povo, bem como as marcas deixadas após a emancipação do país. Seus principais romances trazem personagens com conflitos de identidade gerados pela mistura de culturas.

Chimamanda Adichie vem se tornando mundialmente conhecida por meio de obras que narram diversos aspectos culturais do período pós-colonial na Nigéria. Mesmo vivendo em um país independente, os nigerianos, em especial os que vivem nos centros urbanos (espaço comum dos romances de Chimamanda), jamais retomaram suas vidas pré-coloniais. A influência deixada pela cultura ocidental está hoje emaranhada à cultura tradicional africana nigeriana, sendo tema frequente na escrita da autora.

Outros autores representaram momentos e movimentos diversos desse processo, com as narrativas da vida pré-colonial e o encontro cultural provocado pela dominação europeia. Dentre elas, destacamos o romance *O Mundo se Despedaça*, de Chinua Achebe, e um romance da própria Chimamanda, *Americanah*, que trata de outras experiências à partir da colonização, como os processos migratórios dos africanos para os Estados Unidos e Europa.

Dentre as obras de Chimamanda Ngozi Adichie mais destacáveis, fonte de citações e objeto de pesquisa em inúmeros trabalhos acadêmicos, artigos e dissertações encontram-se: *Hibisco Roxo* (2003), *Meio Sol Amarelo* (2006) e *Americanah* (2013). Antes da cantora Beyoncé citar um trecho do discurso *Sejamos todos feministas* (*We Should All Be Feminists*) de Adichie em uma de suas músicas e contribuir para a difusão de suas

obras internacionalmente e para um público jovem, a autora já havia recebido prêmios como: Commonwealth Writers' Prize e Hurston/Wright Legacy Award pela obra *Hibisco Roxo*; Orange Prize, National Book Critics Circle Award Finalist e New York Times Notable Book por *Meio Sol Amarelo*; National Book Critics Circle Award por *Americanah*. A autora foi ainda eleita umas das dez melhores do The New York Times. Com isso pode-se observar que as obras de Adichie já eram populares e reconhecidas internacionalmente antes de se tornarem objeto de pesquisa nas academias.

A obra *Hibisco Roxo* tem sido objeto de pesquisa em dissertações e artigos recentes, tais como: *Por uma Modernidade Própria: O Transcultural nas Obras Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie, e *o Sétimo Juramento*, de Paulina Chiziane, de Rafaella Cristina Alves Teotônio, 2013; *As Manipulações das Etnicidades como Forma de Controle, Exploração e Alienação em Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie. Juliana Sant'Ana Campos, 2015; *A Interculturalidade em Half Of A Yellow Sun*, de Chimamanda Ngozi Adichie: Uma Análise Comparativa das Traduções Portuguesa e Brasileira. Fabrício Henrique Meneghelli Cassilhas, 2016; e *O Florescer das Vozes na Tradução de Purple Hibiscus*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Fernanda de Oliveira Muller, 2017.

A quantidade de citações da obra e da autora em diferentes patamares acadêmicos revelam a riqueza da obra, sua abrangência e sua importância enquanto retrato de uma África cujos valores não são mais moldados pelas tradições ancestrais. Adichie inova ao apresentar uma Nigéria moderna, porém ainda sob o estigma de sua conturbada história e dos resultados dessa vivência e violência colonial e pós-colonial que direta e indiretamente transformaram suas vidas para sempre. A propriedade da autoria não pode ser deixada de lado, Chimamanda apresenta em todas as suas obras a situação da mulher africana e por meio de sua escrita consegue olhar para sua própria sociedade com uma visão mais humana e feminista.

Albert Chinualumogu Achebe é natural de Ogidi, na Nigéria, e também pertencia a etnia Igbo. Nasceu em 1930 e faleceu em 2013. Estudou Inglês e Literatura na Universidade de Ibadan e em seguida lecionou por algum tempo até se juntar à Comissão Nacional de Radiodifusão em Lagos, em 1967 cofundou uma editora em Enugu com o poeta Christopher Okigbo que logo veio a falecer na Guerra da Biafra, cujo movimento Achebe apoiava. Em 1969 circulou pelos Estados Unidos com outros escritores ensinando nas universidades e ao retornar a Nigéria se tornou professor de Inglês na Universidade da Nigéria. Foi diretor de duas editoras nigerianas e após um acidente de carro que o deixou parcialmente paralisado mudou-se para os Estados Unidos e lecionou na Faculdade Bard até 2009 quando passou a lecionar na Universidade Brown até o fim de sua carreira.

Achebe escreveu cerca de 30 livros, entre os gêneros romance, conto, poesia e ensaio, suas obras retratam os efeitos da colonização sobre a cultura e a civilização africanas, e, também, critica o sistema político da Nigéria. O autor vivenciou cerca de 30 anos do domínio colonial britânico e atuou de forma diplomática durante os conflitos políticos e sociais vivenciados pelo povo Igbo no final da década de 1960, a exemplo da guerra do Biafra. Chinua Achebe retrata momentos marcantes da história nigeriana, com uma linguagem forte e marcante, e por isso sua obra é considerada um impulso de caráter determinante para a atividade literária na Nigéria. A autora Chimamanda possui grande apreço pessoal por Achebe e confirma que ele influenciou muito em sua escolha profissional.

A obra *O Mundo Se Despedaça*, publicada originalmente em 1958 – período que antecede a independência nigeriana – sua narrativa nos remete ao período que antecede a colonização, bem como o processo da mesma com a chegada dos missionários aos grupos tradicionais Igbo. Todo o enredo nos permite visualizar o impacto da introdução da religião cristã durante a colonização e as diversas reações do povo nativo. Esta obra aliada à de Chimamanda permite relacionar o percurso histórico da Nigéria pré e pós-colonial.

Em sua obra Adichie parte de diversos fatos históricos, como em *Hibisco Roxo*, que se passa nos anos após a Guerra da Biafra, provavelmente na década de 1980. Esta cronologia pode ser estimada, pois o líder militar apresentado na obra é inspirado em Ibrahim Babangida (1941) que assumiu o poder por meio de um golpe militar em 1985. Seu governo foi um dos mais corruptos da história da Nigéria e incluíram abusos dos direitos civis e humanos, muitos dos quais apresentados na obra. Outro personagem, Ade Cocker, também é baseado em um jornalista nigeriano chamado Dele Giwa, falecido em 1986, que foi assassinado por um pacote bomba. Partindo dessas escolhas da autora, pode-se visualizar o contexto histórico e político presente nesta obra, bem como analisar a representação construída pela autora da formação identitária desses imigrantes, que passam a viver em constante alternância entre duas ou mais culturas.

Em *Hibisco Roxo*, o enredo gira em torno de uma família influenciada pelos rumos da sociedade urbana nigeriana da qual fazem parte. Em sua narrativa, observa-se fatos de suma importância, tais como, a colonização e a recente independência da Nigéria e como esses fatos afetaram diretamente as relações sociais, laços e identidades e comportamento de seu povo.

A narrativa é protagonizada e narrada por Kambili, uma adolescente cujo relato expõe as mudanças nas religiões e crenças dos povos africanos em decorrência da colonização, bem como os danos causados pelo extremismo religioso cristão. As religiões cristãs, incorporadas à cultura africana por imposição e influência dos brancos europeus alteraram as crenças dos povos da Nigéria, trazendo conflitos retratados em várias obras de autores nigerianos, dentre elas *Hibisco Roxo*, de Chimamanda.

A adoção total do cristianismo e rejeição das religiões e cultos tradicionais é representada pelo pai de Kambili, cujo comportamento e devoção inquestionável aos dogmas Cristãos devasta lentamente sua família. Eugene, pai de Kambili, é um grande empresário na cidade. Ele teme e repudia as tradições pré-coloniais do povo nigeriano, chegando a rejeitar o próprio pai, que insiste nas práticas ancestrais. Os conflitos vividos por Eugene fazem dele alguém com características duras e marcantes, em especial com os membros da família, contradizendo seu papel de benfeitor para com os mais pobres e dono do jornal mais progressista do país (ADICHIE, 2017, p. 33).

Kambili, durante uma temporada na casa de sua tia, acaba conhecendo e criando bastante afeição pelo Padre Amadi que é obrigado a deixar o país por falta de segurança. Tal ocorrido revela uma duplicidade observada na obra onde, apresentam-se as aventuras e desventuras de Kambili e sua família e um retrato incisivo e real da Nigéria Pós-colonial, revelando as marcas deixadas pela colonização pelo Reino Unido na década de 1960 (ADICHIE, 2017, p. 33).

O título da obra, bem como as referências na divisão de capítulos, remetem às características da flor do hibisco e os traços do advento e quaresma, período em que no catolicismo é simbolizado pela cor roxa. O hibisco simboliza a virtude e a beleza de uma

forma delicada. Essa flor também é conhecida com o “Mimo de Vênus” e do grego Hibiscus, que significa Ísis ao qual se refere à egípcia Deusa Ísis, a deusa da fertilidade, modelo de mãe, esposa e amiga dos oprimidos. No período da Quaresma, que tem início na quarta-feira de cinzas e fim na quarta-feira da Semana Santa, os católicos se preparam para a Páscoa. Nesse período a igreja católica propõe por meio do Evangelho proclamado na quarta-feira de cinzas três grandes linhas de ação: a oração, a penitência e a caridade, essas linhas de ação são encontradas na obra em diversos episódios da família de Kambili. O roxo surge com a cor litúrgica desse tempo que simboliza a penitência e a contrição.

As literaturas pós-coloniais, segundo o autor Robert Fraser (2000) se originaram em países que foram além do legado deixado pelo colonialismo. Ele ainda definiu que essas narrativas passaram por seis estágios em sua construção: 1) pré-colonial, orais ou escritas que são retomadas em vários estágios posteriores; 2) coloniais ou imperiais, escrita durante a colonização e em cumplicidade com ela; 3) de resistência, escritas próximo a independência com a intenção de libertar os escritores das amarras do colonialismo; 4) construção da nação, marcada por um sentimento de euforia e confiança no futuro; 5) dissidência interna, influenciada pela desilusão que segue a emancipação política; 6) transculturais, a nação se dissolve e é substituída por conceitos de coletividade e identidade mais fluídos e mais complexos. Para Fraser (2000) o termo pós-colonial não se refere somente ao último estágio, mas sim a todo processo de formação.

A teoria e crítica pós-colonialistas auxiliam no processo de compreensão das literaturas pós-coloniais, nesse estudo mais especificamente da Nigéria, permitindo ir a fundo nas marcas deixadas pela colonização. Visto que a literatura é um meio de propagação de uma cultura, bem como o discurso que cada obra carrega não se pode deixar de analisar o contexto histórico de cada uma, seja o tempo narrativo ou o tempo de sua publicação. Baseando-se nos estágios de Fraser (2000), a obra *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie estaria no último estágio: narrativa transcultural.

Sabe-se que discutir literatura pós-colonial vai além de alinhar fatos históricos, políticos e econômicos, é também trazer para o primeiro plano a cultura de um povo e então colocá-la diante desses fatos históricos, políticos e econômicos a fim de compreender os processos de colonização e de descolonização pelo qual passaram. Segundo Edward Said *apud* Bonnici (2009) ao estudar o oriente, a África e ex-colônias, precisamos estar cientes da imagem criada pelo colonizador sobre o colonizado, fazendo com que um povo seja reduzido a um estereótipo que o mantém inferiorizado e preso ao colonizador. Ao discutir a literatura pós-colonial damos voz ao colonizado e a chance de este contar sua própria história.

Na relação entre colonizador e colonizado ficou então estabelecida uma relação de poder cuja forma de propagação e perpetuação é a prática do discurso pelo colonizador. O autor Thomas Bonnici (2009) ao discutir a relação entre o discurso e o poder retorna ao conceito de Michael Foucault (2007) para reafirmar que o discurso, em qualquer nível de expressão, está “amarrado” pelo “período histórico em que foi produzido”. É importante ressaltar que durante o período colonial o poder, independentemente de suas consequências, é exercido para causar o máximo efeito possível no meio em que é replicado. Exemplo disso foram gerações de europeus que se convenciam de sua superioridade cultural e intelectual sobre outros povos; gerações de homens que também se achavam superiores as mulheres. Em outras palavras, o pós-colonialismo refere-se a uma visão teórica e cultural que realiza uma releitura da colonização como parte de um

processo ainda ativo. Os estudos pós-coloniais marcam a construção de novas etapas e paradigmas de análise sociocultural, atuando na valorização de saberes não hegemônicos que provém dos países periféricos.

O ensaísta Albert Memmi (1977) ressalta que a declaração de independência de um país não quer dizer que tenha colocado fim no processo colonial, pois, em termos políticos e sociais tais mudanças não ocorrem em curto prazo e as condições que apoiavam o antigo sistema ainda serão alicerces para as relações sociais, políticas e econômicas do novo país, assim como serão mantidos os estereótipos, os mitos e todos os elementos da vida cotidiana. O colonizador e o colonizado se opõem porque representam religiões, raças, línguas, culturas e civilizações diferentes, em diferentes estágios de desenvolvimento e, principalmente, porque representam interesses contrários.

Segundo Memmi (1977) o colonialismo é um sistema fechado constituído de dois grupos bem diferentes, onde por um lado o colonizador sairá transformado em opressor interessado exclusivamente em ganhar e manter sua soberania. E por outro o colonizado será transformado, oprimido, alienado e usurpado culturalmente. As considerações de Memmi consideram ainda que “a cura completa do colonizado exige que termine totalmente sua alienação; é preciso esperar o desaparecimento completo da colonização, isto é, o período de revolta inclusive” (p. 120). Nessa vertente, as consequências do colonialismo ainda se fazem presentes nas ex-colônias e o resgate cultural do colonizado ainda é um processo em construção.

Em suma, a crítica pós-colonialista, por conseguinte, propõe uma nova interpretação e reescrita das tradições demonizadas pelo Colonialismo. Propõe, igualmente, alterar o foco da crítica, num movimento que vai da cultura determinante para a cultura determinada, com a finalidade de conhecê-la e oferecer um novo significado. Não é mais somente ler um texto por intermédio da ótica da cultura dominante, mas, sim, interpreta-lo de acordo com a cultura do dominado.

No ano de 1952 o sociólogo Frantz Fanon publicou seu primeiro artigo “*Le syndrome nord-africain*”, nesse estudo o autor observou a semelhança das patologias “sem lesão” dos imigrantes do Magrebe e denunciou as explicações culturalistas dos médicos para tais enfermidades e apresentou uma “explicação materialista que situa os sintomas observados na vida de opressão” mostrando que a real causa da enfermidade psíquica não está em uma simples lesão, mas sim na dominação sofrida (BOUAMAMA, 2014).

Fanon expõe a alienação como um acontecimento anterior à escravidão e ao colonialismo a fim de manter a exploração econômica e analisa os comportamentos identitários como resultado do predomínio colonial. Na sua primeira obra intitulada *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o autor observa o impacto do racismo e do colonialismo e seus efeitos negativos, em particular entre a relação negros e brancos e as hierarquias que regem essas relações raciais. Fanon detalha uma análise de todas as patologias que surgem da internalização do racismo pelos negros como a vergonha de si mesmo, os complexos de inferioridade e a fascinação pelo branco (FANON, 2008).

Fanon buscou identificar como o negro poderia chegar a ser um homem, já que “[...] o negro não é um homem”. Essa relação negro-branco dá a entender e observar um duplo narcisismo que atrela o branco na sua brancura e o negro na sua negrura e esse fato gera um círculo vicioso, onde, existem brancos que se consideram superiores aos

negros e existem “[...] negros querem, custe o que custar, demonstrar aos brancos a riqueza do seu pensamento, a potência respeitável do seu espírito” (FANON, 2008, p. 27).

O autor relata ainda que o comportamento dos negros e dos colonizados são reflexo de uma relação colonial de desigualdade e violência. Ambas as situações não se sustentam somente em um discurso moral, não basta dizer que o colonialismo, o racismo e seus efeitos são ruins, é necessária uma operação mais profunda, uma relação direta com seu compromisso, sua militância. Para Fanon, a solução para que o negro saia de seu complexo de inferioridade é conscientizar seu inconsciente. Ter consciência da situação é o primeiro passo, e isso pressupõe deixar cair às máscaras impostas pelos brancos (FOTIA, 2009, p. 14).

Assim, a verdadeira desalienação do negro, segundo Fanon (2008, p. 28), “implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais”. Fanon entende que a negritude é um meio necessário para a emancipação do negro, mas não deve ser compreendida como um fim em si mesmo. Conquistar a liberdade não depende somente de uma inversão de comportamentos identitários e psicológicos como, por exemplo, afirmando a superioridade do negro sobre o branco (BOUAMAMA, 2014). A única maneira de sair da dominação é acabar com o sistema modificando seus alicerces, logo, Fanon cita Marx, que “o problema não é mais conhecer o mundo, mas transformá-lo”.

A alienação colonial, segundo Fanon, é a impossibilidade de nos constituirmos como sujeito da nossa própria história. Cabe inserir aqui como Foucault problematizou o discurso na sociedade, levantando algumas questões, tais como, o controle social, a coerção, procedimentos de exclusão e interdição, ordem e desordem do discurso, sexualidade, poder, dentre outros temas que facilitam a alienação de um povo. Essas questões nem sempre são discutidas de forma fragmentada, elas se unem e criam relação entre si construindo uma rede discursiva com um maior interesse e com um teor mais estimulante. Foucault cita a Pedagogia, os livros, as bibliotecas, as sociedades dos sábios de antigamente e os laboratórios atuais como alicerces que buscam dominar e dirigir os discursos, visando buscar a verdade.

Foucault (2007, p. 39) argumenta que os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e políticos possuem normas próprias, concepções e regras de conduta que por si só acabam moldando o sujeito aos mesmos, tais normas e regras devem determinar a posição que um indivíduo ocupa em um determinado diálogo. O autor relata ainda que o sistema educacional mantém e/ou modifica a apropriação de um discurso, fato esse que limita o sujeito em alguns aspectos, ou seja, indica o que é e o que não é permitido. Assim, o sistema educacional passa a se tornar uma política de controle e condução de um discurso.

Said *apud* Bonnici (2009) explica como a teoria da desconstrução provoca a ambição de objetividade na totalidade da história cultural. Em sua obra intitulada *Orientalismo*, Said apresenta a força do discurso cultural do ocidente e da ocidentalização como uma estrutura de dominação cultural das sociedades colonizadas. Ele descobriu a imagem que o mundo ocidental criou do mundo oriental, imagem essa perpetuada por historiadores, escritores, poetas e estudiosos durante vários séculos, em outras palavras, o conhecimento de modernidade ocidental generaliza e ignora todas as diferenças que existem entre outras culturas, ao mesmo tempo em que as inferioriza por meio de um discurso que os coloca como sujeitos atrasados – o que não corresponde à realidade desses povos. No entanto, é essa representação culturalmente e subjetivamente deturpada que povoa o imaginário do Ocidente sobre o Oriente, África e outras regiões do

planeta. A construção de um discurso de poder surge daí, de afirmações e pressupostos que constituem um suposto saber e pelos quais se constrói o conhecimento sobre o Oriente.

Como vívido exemplo de como funcionam esses discursos, disponível no site “ted.com” sob o título original de The Danger of a Single Story, com tradução de O Perigo de uma História Única, Chimamanda Ngozi Adichie começa seu discurso/palestra relatando sobre sua vida, no período da infância com aproximadamente 8 anos de idade, quando ficou admirada ao saber que a família de um garoto que trabalhava para a família dela, eram artesãos de um típico cesto local, feito de ráfia seca. A autora relata que sua admiração se deu por tanto ouvir que o garoto era de uma família pobre, logo, seriam pessoas impossíveis de produzir algo. A definição sobre eles era somente “pobres”. Aos 19 anos, Chimamanda deixou a Nigéria e foi para os Estados Unidos, para cursar a universidade, lá ela viveu o inverso da história única. Sua companheira de quarto ficou chocada a descobrir que a língua oficial da Nigéria era o inglês e ficou desapontada ao querer ouvir uma música tribal e Chimamanda lhe mostrou uma fita cassete da Mariah Carey.

O fato de observar uma história somente por um lado, ou uma única versão, gera um sentido restrito das coisas, ou, conforme palavras da própria autora, cria uma única versão de uma história rica. Chimamanda narra sua experiência com uma amiga americana que tinha uma única versão da África, uma história de catástrofes, fome e pobreza. Sequer sabia que o Inglês havia se tornando língua oficial da Nigéria. Dentre outros exemplos a autora cita o seu professor que disse que o romance escrito por Chimamanda não era autenticamente africano, pois os personagens se pareciam muito com ele, homem educado pertencente a uma classe média, personagens dirigiam carros e não estavam passando fome, como o que é perpetuado sobre a África.

Frente aos exemplos vivenciados pela autora, a mesma idealiza a construção de uma história única e relata que para se perpetuar tal ideia, costumes e cultura de um povo, é necessário a repetição até que essa história seja a representação para outros povos. A autora relata ainda que a construção da história única está ligada diretamente a questões de poder, ou seja, como a história é contada, quem emite, quem recebe, o tempo e a quantidade de vezes que ela é contada. Chimamanda cita que “poder é a capacidade não apenas de contar a história de outras pessoas, mas de torná-la a história definitiva dessa pessoa”.

A ideia central na palestra da Chimamanda é de que as histórias têm sido utilizadas de uma forma muito desapropriada, com fim maldoso, mas essas mesmas histórias também podem ser usadas para capacitar e humanizar, em outras palavras, tem o poder de destruir um povo, mas também tem o poder de restaurá-lo. Em suma a escritora propõe um comprometimento com os dois lados de uma história e que seja despertado o interesse pela descoberta de todas as histórias de um determinado lugar ou povo por exemplo. Chimamanda incorpora esse discurso da diferença e ela pertence a essa diferença, suas obras trazem diversas histórias de representação que contribuem com a conscientização da busca do conhecimento, entendendo o “outro” e outros lugares. É o que ela tem feito em sua obra. No entanto, impossível não perceber a ocidentalização de suas personagens e as influências da colonização no dia a dia de suas personagens.

Assim, as discussões propostas pelo texto buscam difundir o conhecimento em relação à literatura nigeriana e ainda a presença dos efeitos da colonização nos dias atuais.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Editora Schwarcz S.A., Companhia das Letras. São Paulo – SP. ISBN 978-85-438-0855-0, 2017. Disponível em: <<http://www.justicadesaia.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Para-Educar-Crian%C3%A7as-Feministas.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- BONNICI, Thomas. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. Ed. Ver. E ampl., Maringá: Eduem, 2009.
- BOUAMAMA, Saïd. Frantz Fanon. In: **Figures de la Révolution Africaine**: de Kenyatta a Sankara. Paris: La Découverte, collection “Zones”, 2014. Disponível em: <http://www.editionszones.fr/spip.php?page=lyberplayer&id_article=180>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <http://kilombagem.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Pele_negra_mascaras_brançasFrantz-Fanon.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- FOTIA, Yvon. **Frantz Fanon, la vérité noire**: l’expérience anti-colonial. Les Figures de la Domination, Revue pour la conscientisation des rapports de domination: sexe, race et classe. 2009. Disponível: <www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/223/239/>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 79 p. Disponível: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/7562/4633>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- FRASER, Robert. **Lifting the sentence**: a poetics of postcolonial fiction. Manchester and New York: Manchester University Press, 2000.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/viewFile/24093/17063>>. Acesso em: 12 ago. 2018.